

A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE ESCOLARIZAÇÃO

FILHO, Jorge Ferreira dos Santos.

Jorgef.1@bol.com.br

SANTOS, Vanderluzia da Silva.

vankathlem@hotmail.com.br

SANTOS, Clodoaldo Messias dos. (orientador)

Graduado em Letras Português /Inglês, Especializado em metodologia do ensino de língua portuguesa, Prof^o. do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

aldomessias@hotmail.com.br

RESUMO

Este artigo tem por finalidade apresentar a leitura como ação pedagógica capaz de habilitar o aluno para decodificação dos signos com que a sociedade se organiza e dialoga. Para que esta habilitação seja eficaz no processo de escolarização do aluno é necessário identificar as relações entre o educador e o educando, entre este último e a leitura e, ainda, os resultados que a leitura produz na prática da escrita. O intuito foi diferenciar as várias práticas da leitura e expor determinados hábitos adquiridos pelo leitor que denunciam a deferência de interpretação e compreensão do texto e do contexto no qual a leitura se insere.

Palavras – Chave: Leitura. Leitor. Interpretação. Professor. Aluno.

A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE ESCOLARIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, tem-se percebido que a arte de ensinar tem sido um desafio para os educadores. Esse desafio fica mais evidente no ensino público municipal, uma vez que este, historicamente, é objeto de manipulação política e veículo para manutenção do poder.

O desenvolvimento da escrita e da leitura torna-se então o primeiro método nessa arte do ensino para desarticulação dessa manipulação e manutenção do poder. Os métodos pelos quais se aprende a ler não só encarnam as convenções da sociedade em relação à alfabetização – a canalização da informação, as hierarquias de conhecimento e poder como também determinam e limitam as formas pelas qual a capacidade de ler é posta em uso.

Para se questionar a leitura é necessária uma série de perguntas que não terão respostas imediatas, pois a cada dia surgem métodos e propostas de ensino que deixam a desejar, como por exemplo, as variedades de línguas, as formas como elas são trabalhadas pelos educadores nas escolas, a preparação dos educadores, os recursos, a questão sócio-econômica do alunado. Para entender esse desafio, será necessário que o professor analise o perfil do aluno e suas particularidades, pois dependendo disso o educador pode começar a entender melhor essas dificuldades e a superá-las, uma vez que tanto para o educador como para o educando isso é de grande importância.

Quando se questiona a importância da leitura, questiona-se também todo desempenho escolar, levando-se em conta a escola em que se estuda, a localização geográfica da escola, o nível do professor e o ambiente familiar.

O objetivo desta pesquisa foi elucidar a seguinte questão: a leitura nas escolas públicas municipais, na disciplina de língua portuguesa na 5ª série do ensino fundamental tem

levado os alunos a aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais a sociedade escolheu comunicar-se?

A hipótese, da qual partimos, é que as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação ao reconhecimento do simbólico na leitura têm suas raízes no hábito, por estes adquiridos, em dar mais atenção às palavras do que ao sentido. A identificação destas dificuldades contribuiu para que a pesquisa apresentasse o relacionamento entre a teoria e a prática da leitura. Mostrou também, que esta deficiência está mais relacionada às escolas públicas municipais. As escolas onde foram desenvolvidas as observações foram: Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora M^a Thêtes Nunes, Escola Municipal de Ensino Fundamental Carvalho Neto e Escola Municipal de ensino Fundamental Santa Rita de Cássia, foram convocados todos os alunos da 5^a série do ensino fundamental, com objetivo de se chegar a um resultado mais detalhado desses estabelecimentos de ensino.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa os alunos da 5^a série do Ensino fundamental das escolas acima citadas, foram submetidas voluntariamente a realização de algumas leituras e apresentação da compreensão das mesmas na forma oral e escrita. A análise da pesquisa foi fundamentada bibliograficamente pelas referências no final deste trabalho.

Este trabalho está dividido em três partes que se coadunam no propósito de sistematizar a leitura e organizar o conteúdo. A primeira parte apresenta a relação que o professor, como educador, estabelece com o aluno como educando; na segunda parte discute-se as conexões que existem entre a leitura e o leitor; os caminhos que se percorre no processo de decodificação do texto e a terceira considera a leitura na teoria e na prática e os resultados que a prática correta produz na escrita do aluno.

Analisar a metodologia de ensino da prática da leitura aplicada pelos professores de língua portuguesa nas mencionadas escolas, facilitará o processo de reeducação dos mesmos para o alcance da nova proposta de ensino da leitura em sala de aula e seu objetivo.

Uma vez que aprender a ler é a iniciação de uma passagem para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. O tema escolhido é de fundamental importância para sociedade; tendo em vista mostrar as dificuldades de se trabalhar à disciplina de língua portuguesa, principalmente no ensino público municipal, onde as amostras deixam evidentes que essas dificuldades estão mais relacionadas a essa clientela que apresenta problemas que variam do sócio-econômico até o cultural e para nossa sociedade isso é preocupante, porque tudo isso irá contribuir para formar um exército de mão-de-obra barata e desqualificada, aumentando a violência urbana que gera desconforto para a sociedade.

Aponta ainda que serão indispensáveis parcerias entre o setor público e o setor privado para que haja pesquisa entre os profissionais dessa área a fim de modernizar os métodos de ensino.

O tema, ainda explora que essas dificuldades da leitura estão mais relacionadas ao alunado da escola pública municipal, e o porquê fica evidente que esses alunos, na sua maioria, além do problema financeiro, têm distúrbios psicológicos que dificultam a sua aprendizagem. Sendo assim, na realização da pesquisa pretende-se abrir caminho numa nova perspectiva, para melhor compreensão do problema e oferecer às escolas públicas municipais uma visão mais clara de como se processa a leitura, para que o educador e o educando tenham mais possibilidades de interagir e assimilar as letras através desta leitura em sala de aula..

1 - A RELAÇÃO EDUCADOR – EDUCANDO

Para se compreender a questão, os valores, a importância e até mesmo a leitura é necessário que se compreenda todo o processo onde possa envolver educador, educando, ambiente familiar, ambiente escolar, bem como o comportamento do educando.

O problema de obter melhores resultados na leitura e na escrita não tem tanto a haver como a motivação inicial das crianças, mas sim com nossos esforços para dirigir energias sem destruí-las e para aumentar a confiança das crianças em sua própria capacidade de apreender (TEBEROSKY, 1989. p. 22).

Aprender a ler implica no desenvolvimento de estratégias para obter o sentido do texto. Implica o desenvolvimento de esquemas acerca da informação que é apresentada nos textos, isto somente pode ocorrer quando os leitores iniciantes estiverem respondendo ao texto significativo que se mostra e passa a ter sentido para eles.” Significa dizer que a leitura somente despertará interesse no leitor se os elementos significantes contidos no texto apresentarem significados convenientes ao seu pensamento interpretativo” (FERREIRO, 1987, p. 30).

O processo de leitura está intrinsecamente ligado ao conhecimento a priori do leitor, bem como as estreitas relações que o texto estabelece com o universo de relações no qual o aluno está inserido, uma vez que para haver a decodificação correta e a apreensão significativa dos símbolos faz necessário tornar o texto um lugar comum.

Assim pode caracterizar a leitura como um processo ou prática social que permite à pessoa compreender a sua razão de ser no mundo, buscando incessantemente, mais conhecimento sobre a realidade, seja observando diretamente a concretude do real, seja dando vida aos registros da cultura, expressos por meios de diferentes linguagens ou códigos:

É na atividade da leitura que historicamente é decodificada e apreendida as ações sociais. O leitor é por definição um agente histórico-social, alguém que estabelece as conexões entre o código e o modo de relação da sociedade. Nesta sociedade o leitor é agente e paciente, de forma que no instante em que lê, este também torna-se texto.

Para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos, testemunhar a utilização que os leitores já fazem deles ao participar de atos de leitura, efetivamente, é

preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, assim como receber incentivo e ajuda de leitores experientes, isso significa que:

Os alunos para que se tornem bons leitores, e isso implica desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, é necessário a escola fazê-lo achar que a leitura é algo interessante e desafiadora, algo que, conquistando plenamente, lhe dará autonomia e independência (FOUCAMBERT, 1994, p. 31).

Uma responsabilidade compartilhada entre os que ensinam e os que aprendem é o que pressupõe a aprendizagem da leitura e da escrita, entre os alunos como sujeitos ativos de sua própria aprendizagem e o professor como guia e apoio que serve de mediador entre os alunos e a cultura. Esta estreita vinculação entre professor e aluno faz com que a atividade docente seja definida a partir da atividade da criança. O ensino deve ser norteado a partir da aprendizagem.

Aprender e ensinar a ler e a escrever são fatos relevantes, funcionais e significativos quando aquilo que lemos e escrevemos tem uma finalidade, um sentido e responde às necessidades funcionais e aos interesses e às expectativas dos alunos e quando sua conquista é resultado de uma escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática, que possibilite o encontro e o contato cotidiano com diferentes textos (ZILBERMAN, 1995, p.13).

A construção de um domínio cultural como o do código escrito não é um empreendimento individual, mas uma tarefa compartilhada com outros que já o constituíram ou estarão prestes a fazê-lo, pois esta construção implica a elaboração de representações sobre este domínio, assim como saber usá-las e poder participar com elas em uma comunidade de prática.

Para fazer com que as crianças participem de atividades de leitura e escrita a escola precisa criar pontes entre as práticas de leitura e da escrita da casa, da escola e da comunidade, oferecendo aos alunos um contexto e um sentido, um propósito e uma finalidade significativa e relevante, estimulando a utilização de estratégias similares às usadas pelos

sujeitos alfabetizados fora do âmbito escolar, para compreender e aprender a partir de um texto escrito ou para exprimir e comunicar idéias por escrito, como meio, de os alunos apreenderem na escola os usos sociais e culturais da língua escrita e suas estratégias de utilização autônoma e crítica. Como afirma CHATIER, (1987, P. 55).

Descobrir e aceitar a natureza das experiências que as crianças têm fora da escola, desenvolvendo ao mesmo tempo as práticas da leitura e de escrita e os programas na escola, é um passo para os alunos se apropriarem da leitura e da escrita e para criar uma ponte entre as práticas de leitura e de escrita da casa, da escola e da comunidade.

O leitor e o autor se aproximam por meio do texto pelo processo de interação com a leitura. Nesse sentido, o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seu conhecimento prévio sobre o assunto.

Obviamente, o processo de desenvolvimento da leitura não se esgota nas séries iniciais, no período da alfabetização, pois o nível de proficiência do leitor fluente vai sendo adquirido gradativamente. É necessário, dessa forma, oportunizar uma diversidade de tipos textuais a fim de aproximar o leitor em cada fase de seu desenvolvimento um tipo de texto e de informação que lhe é adequado.

Despertar o gosto pela leitura é desenvolver uma prática intensa na escola. É de fundamental importância, pois essa prática pode ampliar a visão do leitor; estimular a vivência de emoções; o exercício da fantasia e da imaginação; aproximar leitor de textos; possibilitar produção oral e escrita. Evidente que: “ Quando a leitura é uma necessidade de um gosto apreciado no ambiente em que vive, se é partilhada, usufruída em comum, a criança desenvolverá, o quanto puder a capacidade de ler, mesmo que ainda não conheça, não domine a letra, a palavra escrita (INFANTE, 1991, p. 40)”.

É tarefa dos professores de todas as áreas do conhecimento, o ensino da leitura. Na verdade, uma parte muito importante da aprendizagem escolar consiste na ampliação do domínio lingüístico, da mera conversa das formas cada vez mais formalizadas e

concretizadas. Na escola, os alunos recebem muita informação sobre a forma como a sociedade interpreta a realidade social por meio dos conteúdos de todas as disciplinas curriculares. Assim, o ensino da leitura iniciou um movimento de integração e de articulação entre as aprendizagens sobre a forma do escrito e sua função, entre as habilidades em jogo e os sentidos da mesma para os leitores.

Aprender a ler por meio da programação de exercício ou aprender a ler lendo passaram a ser duas tendências didáticas de relação variável que ainda podem ser detectadas hoje em dia em especial, no ensino fundamental, no entanto, os avanços da pesquisa educacional vêm insistido continuamente na necessidade relacionar o uso da leitura dotado de objetos com os modos de ensinar para compreensão de todo tipo de texto (GERALDI, 1998, p 45).

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio. O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimentos, como: lingüístico, textual, e de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto, e o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Adiante-se que, se o professor não computar o conhecimento prévio na leitura de seus alunos, não só falhará a compreensão de qualquer texto, como também falhará a interpretação textual.

A questão da leitura, numa compreensão mais abrangente é que ler é ver, sentir, independente de se ler o código convencional de uma determinada língua. Portanto, predispor-se a ler textos escritos é também predispor-se ao processo civilizatório.

A criança em fase de alfabetização lê vagarosamente, mas o que ela está fazendo é decodificar, um processo muito diferente da leitura, embora as habilidades necessárias para a decodificação, sejam necessárias para a leitura, o leitor adulto não decodifica: ele percebe as palavras globalmente e adivinha muitas outras, guiado pelo seu conhecimento prévio e por suas hipóteses de leitura. (KLEIMAN, 1997, p. 36).

Dessa maneira, o adivinhar do adulto engloba o contexto e o faz até depreender significados e palavras nunca antes lidas por ele. Produzir um texto escrito apresenta-se como uma etapa posterior à compreensão não de um texto escrito, mas da própria leitura de mundo, no estar engajado a um mundo, a exemplo dos desenhos rupestres.

2- A LEITURA E O LEITOR

Estar no mundo e interagir nele vêm da própria interação na leitura de textos codificada ou não. A leitura de código constitui-se difícil para uns e inatingível para outros, da mesma forma que ocorre atualmente com a realidade digital, de acordo com SANTOS (2002, p. 22)

Menciona a questão das bibliotecas escolares e coloca a problemática da falta de gestão, isto é, não surte efeito o fato de uma instituição dispor de um repositório de livros, organizados, catalogados, mas sem um plano de ação; nesse sentido a biblioteca é passiva, estática.

A conduta da nossa sociedade, por ser capitalista, é dividida em classe, sendo sua distribuição de base, bens e renda muito desigual, exigindo assim, no processo de participação efetiva de cidadãos com criticidade, o que só se constrói através da leitura. Essa é o veículo propiciador do desenvolvimento do pensamento reflexivo e da mentalidade crítica, uma vez que na pluralidade de textos encontra-se a ação dialógica que ----- no leitor o questionamento crítico que é a base para organização do pensamento reflexivo. Nesse sentido afirma-se que:

Numa sociedade como a nossa em que a divisão de bens de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualmente similar presida também á distribuição de bens culturais já que a participação em boa parte deste último é medida pela leitura habilidade que não está ao alcance nem mesmo de todos aqueles que formam a escola (LAJOLO, 2001, p. 06).

De acordo com o exposto, a sociedade contemporânea necessita de cidadãos que acompanhem as transformações dos paradigmas. Sendo o único caminho viável e seguro para este fim, a leitura. Pois podemos ler para obter informações de carácter geral para aprender um pouco mais e até mesmo para ampliar os conhecimentos de que já dispomos, também lermos por prazer ou em busca de uma resposta para nos comunicamos melhor.

Portanto, lê por prazer, pelo interesse e pela curiosidade encontra estímulo na identificação. A realidade pode ser se não transformada, compreendida com maior profundidade e eficácia. Ler é a operação mais inesgotável dentro do processo de escolarização. É constantemente fonte de prazer e sabedoria que visa à teoria tanto quanto a prática.

Deste modo é função primordial da escola ensinar a ler. É função essencial da escola ampliar o domínio dos níveis de leitura e escolher os materiais de leitura. Assim se faz necessário que o professor além de autor como mediador, deverá ser antes de tudo um leitor, um professor que não leia jamais trabalhará bem a leitura. Ele precisa ler muito, gostar e sentir prazer de ler, para tanto é preciso ter preparo teórico e metodológico.

Nesta perspectiva, questionamos o porquê de alguns professores repetirem para os alunos a mesma visão de ensino que tiveram em sua formação. Muitos dos atuais educadores também tiveram de fazer os ineficazes resumos de obras clássicas, vários, infelizmente, não foram sensibilizados para o prazer da leitura, ou seja:

A percepção dessas motivações e interesses esclarece que se procura entender os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura, eles devem ser bons leitores, um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com que lê, e assim poderá realizar um trabalho que possibilite o momento da leitura e a partir da verbalização, (BAMBERGER, 2002, p. 31).

A possibilidade de apoderar-se do conhecimento é vivenciada pelo indivíduo a partir da leitura. Assim, esse saber permite apreender o mundo e o compreender, pois a leitura dos textos escritos auxilia o entendimento da realidade na qual o leitor está inserido. A leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve intencionalmente, referir-se à realidade caso contrário ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos.

Deste modo, não se entende a leitura como sonorização mecânica de sílabas, palavras e frases, sem nexos e descontextualizada da realidade de onde ela tem origem. Nesse aspecto a leitura é um ato simples, inteligente, reflexivo e característico do ser humano, porque é um ato de compreensão do mundo, da oralidade que nos cerca e no meio em que se vive. Nesta perspectiva, todo e qualquer cidadão é capaz de ler, não importa a função que exerce na sociedade: médico, professor, mecânico... O ser humano que não lê, é isolado do processo da história, ou de sua própria realidade histórica e cultural. Um povo, uma pessoa liberta-se através do processo da prática da leitura da realidade e do mundo.

Nesse sentido, a leitura crítica da realidade objetiva a transformação do leitor, uma vez que esta, paulatinamente, vai conforme a logicidade, integração e coerência desenvolvendo o processo de conscientização. Todo texto é o resultado de uma leitura ou interferência que o autor faz do mundo que ele está inserido. Esta, por sua vez, não é feita sem considerar a influência a que culturalmente este autor foi exposto, de forma que ler um texto é apreender a cultura, mesmo que pela ótica do autor, influenciado pela sociedade na qual o autor extraiu seus princípios. Assim a leitura torna-se instrumento de conscientização dos modos de relacionamento social.

Interpretar e compreender ativa e criticamente uma mensagem por meio de um diálogo é ler, indo de encontro com a experiência, as idéias e o conhecimento do leitor, bem como as informações proporcionais pelo contexto em que este é realizado. Este confronto atribui ao leitor um papel ativo no processo de leitura. O conhecimento e as informações são oferecidas pelo texto e pelo contexto da leitura.

A leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações. O leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista, representações, versões, visões e concepções de mundo através da leitura que é instrumento útil de interpretação cultural.

3 - LEITURA E ESCRITA

Ler e escrever são tarefas independentes. Uma coisa é produzir uma mensagem, cada um utiliza diferentes procedimentos para transmitir o que quer ou necessita comunicar. Ler ao contrário é interpretar, adivinhar o que o outro nos quer dizer. Para ler, é preciso conhecer o código que o outro utilizou, no entanto, ler também serve para controlar e lembrar do que escrevemos. A relação entre leitura e decodificação não é nem direta, nem simples. Por exemplo, qualquer professor conhece alunos que decifram corretamente, os que não se inteiram em absoluto do que estão lendo, também conhece crianças que, ao decifrarem, dão à impressão de que não podem compreender nada do texto e, no entanto, demonstram haver captado perfeitamente o conteúdo. Segundo SILVA (1998,p. 20).

Decifrar sem compreender é um sintoma de hábitos prejudiciais, em que se separou o mecânico do compreensivo, jamais deveria acontecer na escola, uma situação em que a compreensão não fosse prioritária, para isso é, preciso ler sempre textos autênticos cujo significado seja necessário desvendar com um objetivo claro e explícito (SILVA, 1998, p. 20).

Ler é compreender um texto. Compreender um ato cognitivo, ou seja, o resultado de uma atividade mental. Não podemos compreender se não lemos de forma ativa antecipando interpretações, reconhecendo significado identificando dúvidas, erros e incompreensões no processo de leitura.

Conseguir esta atividade mental no aluno que lê é imprescindível. Ao ler não apenas utilizamos conhecimentos prévios acerca do escrito, se fosse assim, não se produzia aprendizagem ao ler, mas também estratégias para aprender a partir da leitura, neste aspecto FREIRE (1982, p. 25) declara: “Mais especificamente aprender a ler requer uma série de perguntas que não terão respostas imediatas, pois a cada dia surge métodos e propostas de ensino que ficam a desejar, o texto por sua vez facilita aprendizagem do aluno e a sua interpretação”.

Pois, se ler e escrever convivem juntos desde os primeiros anos da escola, nem sempre se explica sua relação com o que os motiva e possibilita: o texto escrito independentemente de sua natureza, tipo, linguagem empregada, produtor ou destinatário, sua apresentação ao nível do leitor dificilmente se dá de modo espontâneo, como parte, que é de sua experiência cotidiana ou por outro lado o texto reveste-se de uma posição inalcançável ao leitor, ou, em outro caso, adota a forma degradada dos parâmetros curriculares tornando-se assim insuficiente e ineficaz para a formação do sujeito leitor.

Por conseqüência, a passagem à condição de leitor nem sempre acontece de maneira natural, a não ser para as crianças, via de regra pertencentes às camadas elevadas da sociedade, que suplantam o impacto inicial e não se deixam afetar pela postura contraditória, caracterizando-a como um saber pronto e sacralizado, cuja posse distingue os usuários, mas que, ao mesmo tempo, é tão vulgar que se confunde com um hábito com que a escrita é introduzida a elas. Ler é uma atividade que se estabelece extra escola, desligada das ações do dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não se esclarece durante a aprendizagem. Ler dissolve-se entre as obrigações da escola, não se associando às diferentes modalidades de textos com que a criança está envolvida e que estimulam sua atividade consumidora.

Não é incomum encontrar a leitura em contradição com as atividades curriculares da escola. Muitas vezes o processo de leitura e decodificação exige um gosto particular que se opõe aos parâmetros estabelecidos pelas ações pedagógicas.

Todavia, é importante aprender a ler porque a condição de leitura é requisito indispensável à ascensão a novos graus do ensino e da sociedade; configura-se, assim, como o patamar de uma trajetória bem-sucedida, cujo ponto de chegada e culminância é a realização pessoal e econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da leitura, no conjunto, compõem-se de várias etapas: nasce da dissociação entre a leitura e seu destino. O texto, que se qualifica como entidade autônoma, auto suficiente e insubordinável as reações do leitor, passa a assumir o papel de veículo modalizador da leitura. Desprendendo-se do objeto, a leitura, ação necessariamente transitiva, busca nova base de sustentação e complemento; no que descobre ter conteúdo ideológico: de sua posse e exercício, dependem a elevação social e integração aos padrões privilegiados. A expansão da leitura foi, sob vários aspectos, funcional para consolidação da burguesia enquanto classe dominante. Fortaleceu a noção de que só os mais capazes superam os obstáculos e se impõem por terem sabido explorar.

Como se vê, o processo começa pelo esvaziamento das relações entre a leitura e o texto. Aquela distanciada de seu objeto, torna-se um substantivo vazio; mas procura preencher a vaga com novos conteúdos, que agora tomam coloração pragmática, aprender-se a ler, para vencer na vida e prosperar. A passagem não é gratuita, porém sua razão de ser, permanece incompreensível, omitindo-se as intenções ideológicas e econômicas subjacentes. Sob este aspecto, é imprescindível para a sociedade burguesa separar as duas facetas de um fenômeno

comum, pois aproximar os sentidos educativo e mercantil associados á difusão da leitura denunciaria a função que desempenham na direção do alargamento do mercado e controle dos indivíduos.

Uma vez praticada a interação entre educador e educando no que se diz sobre a leitura como método de escolarização, produzir-se á resultados capazes de alavancar a socialização do leitor, seja ele educador ou educando. Porque esta interação é uma ação recíproca, em que educando e educador aprimoram sua capacidade de leitura, é urgente e imprescindível tal reflexão.

A escola então é o lugar onde é possível ocorrer esse processo em sua totalidade de identificação e avaliação. É nela que educador e educando se encontram, estão disponíveis e suscetíveis à mudança que o novo método pode gerar, pois somente a leitura significativa, que valorize não apenas o decifrar dos códigos, mas seus sentidos, e o adequado ensino da mesma produzirá diferenças na educação.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática.

CHATIER, M E HEBRAL, J. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO. E. e PLÁCIO, M. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**. Campinas/SP: Mercado das letras, 1998.

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**: curso prático de leitura e redação: São Paulo: Scipione, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor aspecto cognitivos de leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

SANTOS, Raquel. **A aquisição da linguagem**. São Paulo: contexto, 2002.

SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita**: Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

TEBEROSKY, M. e Cardoso. **Reflexões sobre o ensino da leitura**. São Paulo: trajetória/ UNICAMP, 1989.

ZILBERMAN, Regina. e. Silva, Ezequiel. **Leitura**: perspectivas. São Paulo: Ática, 1995.